

Oito horas de trabalho

Há um horário de trabalho legalmente aprovado. Não se cumpre, porém.

E' que as leis não têm uma força especial própria, que produza, por si só, uma completa submissão por parte dos que têm interesse em as não cumprir. A lei das 8 horas de trabalho não se cumpre porque os industriais julgam ter um maior lucro obrigando os operários a um trabalho exaustivo de muitas horas e, ainda, por que as autoridades administrativas, que a teriam de impor, vivem de mãos dadas com esses industriais, às vezes fazendo até parte da classe, como sucedeu em tempos com aquele célebre administrador da Covilhã que, sendo patrão, não podia deixar de fazer o jogo dos patrões, na greve que ali se deu e que tantos operários levou à cadeia.

Há ainda outro motivo de se não cumprir o horário de trabalho: é a falta de movimentos de resistência dos próprios trabalhadores. Em muitas terras da provincia os operários limitam a defesa da regalia das 8 horas às participações para as autoridades. Os factos têm demonstrado que isso é insuficiente. As autoridades administrativas têm estreitas ligações com o patronato, no qual tem por vezes correligionários políticos, influências eleitorais. As reclamações não dão resultado e quando muito seguem morosamente para os tribunais, onde dá a muito tempo os industriais são absolvidos por falta de provas.

E' necessário mais alguma coisa. As 8 horas só serão um facto quando forem conquistadas com luta, com a resistência tenaz da massa operária. Enquanto isso se não der serão sempre uma burla.

Compete, pois, aos trabalhadores defenderem eles próprios esse seu direito, recusando-se a trabalhar mais do que as 8 horas e organizando movimentos de paralisação de trabalho contra aqueles industriais que a esse regime se não sujeitam. O pagamento de horas suplementares, mesmo quando efectuado, não é compensação suficiente visto que é uma forma de evitar o aumento natural do salário e é o impedimento de trabalho a outros camaradas desempregados.

Há que lutar pelas 8 horas de trabalho. Depende dos trabalhadores e só dos trabalhadores que isso se torne um facto. Que todos se compenem nesta necessidade e congreguem todos os seus esforços para, por uma acção persistente, conquistarem o que o legislador fingiu que lhes dava.

OS CONFLITOS OPERÁRIOS

Os mineiros ingleses reclamam a nacionalização das minas

O ministro do Trabalho inglês fez no dia 14 de julho as seguintes declarações na Câmara dos Comuns, sobre o número de operários sem trabalho nas minas de carvão:

—O número dos sem-trabalho que era de 29.700 nos fins de Junho de 1924, passou para 129.994 em Outubro do mesmo ano e para 314.500 em Junho findo.

Por outro lado a Federação dos mineiros reuniu-se no mesmo dia em Scarborough, reunindo a qual participaram 200 delegados representando mais de 800.000 operários.

O presidente Herbert Smith pronunciou um veemente discurso, no qual declarou o seguinte:

—Tenho a consciência de toda a gravidade da situação e espero que os proprietários encontrarão pela frente a oposição fortíssima de todo o movimento "trade-unionista". Dentro em pouco, a nacionalização das minas impor-se-á como uma necessidade indissociável para salvar a indústria da mina.

Actualmente um mineiro para cada quatro está sem trabalho e para cada três, dois ganham menos de 40 shillings por semana. Devemos alegrar-nos em virtude da proposta feita para uma aliança de todos os trabalhadores, proposta esta que recentemente nos foi feita. E' desta maneira que nós conseguiremos assegurar a defesa dos nossos direitos.

Do decorrer da sessão, um delegado de Yorkshire apresentou uma moção aprovando a proclamação de uma greve geral dos mineiros do mundo inteiro no caso de sem razão da incompetência dos governos, ser declarada uma guerra internacional.

Esta moção foi aprovada por unanimidade.

HABILIDADES & TRAPAÇAS

NA ARENA POLÍTICA

João Camoegas bate o "record" do palavrado e António Maria o da falta de vergonha

Os últimos acontecimentos políticos merecem uma crítica serena—mas severa. E para fazê-la, ninguém mais apto do que nós, que estamos fora da politica e isentos de paixão.

Este governo, de curta duração, foi uma desvergonha a acrescentar às desvergonhas da politica portuguesa. A mesquinhez, a baixa intriga, a falta de pudor foram as características mais salientes deste último período.

Principiou a falta de pudor por o governo, o sr. António Maria da Silva, se ter agarrado ao poder com unhas e dentes, a-pesar de ter obtido apenas um voto de maioria. Em que país civilizado em que nação da Europa se encontraria um homem capaz de persistir em manter-se no governo, sabendo que contava com a animadversão de metade da Câmara, pelo menos? E' necessário não se possuir nem sombra de vergonha, nem mesmo isso que os políticos apregoam constantemente—o amor às instituições—nem tampouco o sentido da responsabilidade das atitudes que se tomam para se aceitar de sorriso alegre um governo com a garantia do voto!

Já sabíamos que António Maria da Silva, homem tenebroso, que teve ontem a revolução de evocar a sua sensibilidade—como se a tivesse tido alguma vez!—era capaz de todas as trapaças políticas. Esta de governar, com um voto, porém, acabou por descreditar-lo completamente.

Durante a sua curta passagem pelo poder ainda teve tempo de inventar uma revolução—uma das muitas revoluções que ele sempre para a vencer e se encher de prestígio perante o Parlamento. Porém, o fraco, por demasiado velho e gasto, não triunfou. O Parlamento continuou a olhá-lo com mais olhos. A situação politica foi-se agravando, os ânimos foram-se irritando. E' ele, cingidamente agarrado ao poder!

Durante a madrugada de ontem a questão politica chegou ao ponto culminante. O governo, que moralmente nunca tinha existido, estava condenado. Tinha de morrer naquela sessão. Os amigos do governo fizeram tudo para salvá-lo—chegaram aos balões de oxigénio, transformados em balões de refúgio.

O dr. João Camoegas resolveu falar durante tanto tempo quanto necessário para o

sr. António Maria, servindo-se das suas conhecidas habilidades, modificando a situação. Falou durante nove horas seguidas, o cabo das quais teve de parar quasi desfalado. O sr. Agatão Lança prosseguiu no mesmo tom, entretendo, discursando, mais isto mais aquilo—e ao fim de quatro horas de conversa fiada tombou sem forças, exgotadas a energia e a oratória.

Durante treze horas seguidas o governo viveu apenas dos discursos dos seus correligionários, pela mesma razão porque durante pouco mais de uma semana vivera apenas de voto de favor.

Sucedeu por fim o inevitável. De nada lhe serviu tanto "record", tanta retórica. A's 15 e meia horas após uma longa agonia o governo, falecia, vitimado por uma votação de 58 votos contra 49.

Mas—mais um fraco politico de António Maria. Em vez de, como sucede com todos os ministros que sofrem o desaire que ele sofreu, participar imediatamente a sua resolução de abandonar o poder—onde nunca devia ter ido, declarou muito solene que iria "interferir o sr. presidente da república do resultado da votação".

Sabendo muito bem que apenas a Câmara dos Deputados compete decidir da questão politica—provocou no Senado uma moção de confiança que foi aprovada. E não se considera demissionário.

E' a última das desvergonhas! E' preciso ter-se desido muito para se lançar mão da habilidade tão porca tão antipática a fim de manter-se ainda no poder.

Apontamos às pessoas que ainda acreditam na boa-fé, na isenção, na utilidade dos políticos, estes factos eloquentes. Recomendamos ao operariado, ao país inteiro este espectáculo formidável de baixa moral, horrível como sintoma de péssima governação publica. E se o povo não se convencer ainda de que é perdido todo o dinheiro que, com tanto sacrifício, sai do seu trabalho e da sua escravidão para sustentar habilidosos repugnantes, retóricos vãos, homens intitulados defensores da pátria que têm pela pátria o mais abjecto desprezo; se o povo não se convencer de que toda esta lama está pedindo uma limpeza geral é porque chegou a um nível de degradação tão baixo quanto baixa é craveira moral desses políticos.

OS MODERNOS INQUISIDORES

Os deportados que se encontram na Guiné foram enviados para o mato

Começam a chegar a esta redacção as primeiras notícias dos deportados que se encontram na Guiné. E o clamor de algumas dezenas de desgraçados que a ferocidade dos políticos arrastou para as plagas africanas num delírio de vingança, num desejo de exterminio chega até nós. Por mais lancinante que a sua dor seja os carceres não auscultam o seu sofrimento, como não viram a repulsa popular. A tudo são indiferentes, como indiferentes é para eles a miséria dos que sofrem em Lisboa, separados dos entes que em Africa morrem esteptamente pela acção climática ou em virtude da severidade a que estão sujeitos.

As cartas que nos foram enviadas falam eloquentemente. Dizem-nos que na Guiné, num regime de morte, os deportados são enviados para o mato a desempenharem serviços incompatíveis com as suas condições físicas.

Os que não caíram nas graças dos seus verdugos estão sujeitos à vindicta, sofrem o peso cruel do carrasco. A sua situação longe de melhorar, dia a dia agrava-se sem possuírem outro recurso do que sofrerem resignadamente os horrores do deserto. Para prová-lo vamos transcrever alguns períodos duma das cartas em referência.

«A nossa situação longe de melhorar agrava-se dia a dia. As promessas de bons empregos e de liberdade converteram-se nesta negra realidade: dos vinte e seis presos que aqui se encontravam dezasseis foram enviados para diversos matos. Só cinco é que aqui ficaram.

«Um dos presos devia também ficar aqui — Bolama — mas como se deu um pequeno conflito seguiu também.

Depois o signatário descreve o conflito. Destacamos dessa descrição o seguinte:

«O tenente Velez Carôco, que é sobrinho do governador, passou pelos presos sem os cumprimentar. Estes corresponderam-lhe com igual indelicadeza do que ele não gostou. Furioso dirigiu-se aos presos, que estavam sentados e em termos inconvenientes mandou-os pôr em sentido. Como estes não obedeceram dizendo não serem militares e o referido preso se evidenciava nos protestos, o tenente Velez fê-lo marchar na primeira leva para Canhabaque, juntar-se a mais dez presos que ali se encontravam. Recebeu-se pela situação destas onze vítimas, pois os presos desde há muito tempo que andam em guerra com o governo para abolirem o imposto de palhotas. Diz-se até que aqueles camaradas vão combater os negros o que é uma infâmia.

Depois o autor da mesma carta passa em revista a situação dos cinco presos que ficaram em Bolama tendo palavras de duro combate para o comandante da companhia, a chegada dos deportados a aquele suplicio só os ameaça com o mato.

A obra miserável do governo Vitorino Guimarães vai produzindo os seus efeitos sinistros. Já não é só a deportação sem julgamento para a Guiné, o que só por si representava o maior dos absurdos.

E' agora também o envio para o mato, segundo se presume para combater os ne-

gros, de cerca de duas dezenas de homens sem julgamento, condenados a morrerem vítimas das balas dos combatentes.

Embora os governos da República, numa sucessão trágica, sempre perseguissem o operariado, havia de se levar a respeito as vidas das vítimas. O governo Vitorino Guimarães não auscultam o seu sofrimento, como não viram a repulsa popular. A tudo são indiferentes, como indiferentes é para eles a miséria dos que sofrem em Lisboa, separados dos entes que em Africa morrem esteptamente pela acção climática ou em virtude da severidade a que estão sujeitos.

Assim o prova a carta que recebemos, assim o dizem as suas draconianas medidas que envergaram com as odiosas medidas de João Franco tão ardorosamente combatidas pelos modernos inquisidores.

O deportado Pinho Alonso exige que o deputado Agatão Lança prove as suas acusações

O operário Artur Pinho Alonso, que o governo Vitorino Guimarães deportou para a Guiné sem julgamento enviou-nos, com o pedido de publicação, a carta que a seguir reproduzimos, na qual convicia o deputado Agatão Lança a provar umas acusações que no Parlamento lhe dirigiu:

Camarada redactor.—Quiz o acaso que me viesse parar às mãos um diário de Lisboa que publica o extrato parlamentar duma sessão onde o deputado Agatão Lança, na fúria incontrolada de acusar, me assaca a responsabilidade de haver recebido de alguém a quantia de 500\$00 para "material".

Os processos usados pelos políticos para se tornarem simpáticos são tão quanto há de mais repugnante e de mais indigno. E toman uma ficção tanto mais repulsa quanto é certo que vão vitimar criaturas impossibilitadas de se defenderem.

O sr. Agatão Lança accusou-me na certeza da sua impunidade, atendendo a que eu, longe de Lisboa, não ouvia os seus insultos. Enganou-se, porém. De aqui, destas insólitas paragens, em repto o falso democrata a provar as suas acusações sob pena de eu de futuro o considerar, como o mais baixo dos difamadores.

Em nome dum direito humano eu exijo ao sr. Agatão que prove, ou na Câmara ou nos jornais, em que condições me foi entregue essa importância, não se esquecendo de se referir aos nomes das pessoas que me entregaram.

Como nunca vivi de expedientes, mas apenas do produto do meu trabalho, como atesta, entre outros, o patrão encarregado das limpezas que em 1924 se fizeram na residência daquele deputado, nas quais eu fui humilde cooperador, exijo que o sr. Lança me desagrave quanto antes para não ter que o classificar como a qualquer selvagem.

E até lá continuarei a sofrer os horrores desta vida miserável que os vícios. Lanças me proporcionaram.

Bolama — Guiné — Artur Pinho Alonso.

Antes de o ser...

Por ocasião das festas de Santo António realizadas na risonha Vila de Trás-os-Mon-

Notas & Comentários

Liberdade de pensamento

Queixava-se ontem o Correio da Manhã, e com razão, do facto de no Pôrto, alguns indivíduos armados terem insultado um grupo de criaturas religiosas. E' realmente infame. Não se pode admitir que numa democracia cada um não possa expandir livremente as suas opiniões. A-pesar do referido jornal insistir que se se tratasse duma manifestação da Terceira Internacional ou da C. G. T. não haveria a menor menção de impedida, não deixaremos de aqui lembrar que ainda anteontem uma inofensiva conferência do nosso camarada Mário Domingues foi proibida pela policia.

Viva a indisciplina!

Ontem, no Campo Pequeno, realizou-se uma tourada, com touros em hastes limpas e famosos lidadores espanhóis. A lei não permite o touro em hastes limpas. Mas meia dúzia de criaturas simpáticas e apaixonadas por esses espectáculos de barbaridade entenderam que deviam limpar-se a lei, como quem se limpa a um pedaço de papel, em ocasiões afilivas. A pessoa que por uma questão de humanidade, se responsabilizou pelo interessante touro foi o dr. Filipe Mendes, governador civil de Lisboa. Folgamos com a atitude subversiva daquela autoridade superior—ela permitte-nos, pelo bom exemplo que de tão alto vem, fazer as leis que nos prejudicam o mesmo que sua excelência fez à lei que regula as touradas.

Ora, viva a salutar indisciplina!

Anti-alcoolismo

O dr. Nigro Basciano, há pouco chegado a Lisboa, realiza amanhã, no Ateneu Commercial, a sua segunda conferência sobre a acção perniciosa do alcoolismo. Médico naturista do Uruguay, o dr. Basciano dedica-se há longos anos à propaganda anti-alcoólica. Falando correntemente o português e dando as suas expressões um tom de simplicidade cativante, decerto esta conferência intitulada "O alcool e a educação física", atrairá grande concorrência. A palestra de amanhã é dedicada aos desportistas que, em grande parte, não se lembram que o desporto é incompatível com o uso e abuso do alcool.

As relações anglo-russas

As declarações de Rakowski

Depois do artigo que ontem publicamos sob este titulo, podemos hoje dar aos leitores mais as seguintes indicações, que vêm dar a razão à maneira como ontem encaramos a questão.

Rakowski, numa conversa que teve em Londres com um representante da Agência Reuter, fez as seguintes e elucidativas declarações:

—Durante a conferência havida com Chamberlain, nem ao de leve se tocou numa ruptura de relações com a Rússia. Isso não quer, no entanto, dizer, que as relações anglo-russas sejam normais. Estas relações continuam a atravessar uma crise, cujas consequências podem ser bastante funestas:

«No entanto o governo soviético, está apenas a seguir a politica que a própria Inglaterra adoptou em diversos períodos da sua história, politica cujo fim é a defesa da liberdade das nações».

Rakowski queixa-se também de que o governo inglês interpreta como propaganda todos os actos internacionais do governo soviético e afirma que, com razão ou sem ela, a opinião publica na Rússia pensa que a politica internacional actual tem unicamente por fim o isolamento da U. R. S. S.

GREVE SEM SOLUÇÃO

MELBOURNE, 17.—A greve dos trabalhadores marítimos, abrangendo 10.000 homens, continua sem solução.

O conflito tende a tomar um aspecto grave em consequência do pessoal dos serviços de transportes terrestres e de grande número de fabricas ameaçarem declarar-se em greve, por solidariedade.

O governo tomou todas as medidas necessárias para evitar que a situação assumisse sérias proporções.

A QUESTÃO DA CHINA

LONDRES, 17.—Nos círculos políticos afirma-se que o governo britânico chegou a acordo com os gabinetes de Washington e Tóquio sobre a necessidade da rápida convocação duma conferência internacional para tratar do problema das alfândegas da China.

Pequim é indicada como possível local para a reunião da conferência.

tes, a policia de segurança do Estado, para justificar o passeio àquella região, prendeu ali Miguel Dias Macedo que desde Janeiro residia no Pôrto como o testemunham algumas pessoas da invicta cidade. No acto da captura a policia accusou-o de "legionários" responsáveis nos acontecimentos ocorridos nos últimos tempos em Lisboa.

E' tão gratuita a acusação quanto é certo sabermos que em Janeiro nada se conhecia da célebre "Legião" que a policia com as suas imbecilidades celebrizou. Não há dúvida: Este legionário antes de o ser... já o era...

Funeral duma vítima

E' hoje que se realiza o funeral do serralheiro José Maria, que morreu dum tiro no ventre, e que conforme há dias dissemos parece ter sido vítima da policia, que desde quinta-feira da passada semana reteve o cadáver a sua ordem.

O préstito fúnebre sai às 15 horas da Morgue para o cemitério da Ajuda.

DEFININDO DOUTRINAS

A POLÍTICA DE MOSCÓVIA

A sua acção e os aspectos da sua infiltração na organização operária portuguesa

A tentativa de infiltração no movimento sindicalista português das concepções políticas e seus processos de combate e de critica é semelhante à usada em todos os países, onde apareceram indivíduos com bastante estofa para se colocarem às ordens dos superiores caudilhos que de Moscovia pretendiam, num dado momento, dominar toda a acção revolucionária e proletária mundial.

Dizemos semelhante porque, se bem que a concepção politico-comunista, como finalidade social, é unilateral; isto é, obedece a um mesmo padrão societário na mecânica social, mesmo contra as condições mesológicas e psicológicas de cada região e de cada povo, diferentes, embora não antagónicas; se bem que, por outro lado, a acção que promana das ordens de Moscovia, seja revestida de mesma tendência unilateral, ora mais, ora menos acentuada—essa acção, tendente ao mesmo fim, varia consoante o modo como o proletariado está organizado em cada país.

Assim, nos países onde existiam partidos socialistas numerosos, a acção comunista-moscovitária foi exercida preferentemente no seio desses partidos. Estes agrupamentos dispunham não apenas da influencia resultante da sua força numerica, mas predominavam também nas massas agrupadas no terreno sindical.

A conquista de elementos preponderantes nos partidos sociais-democratas constituia uma condição preliminar para a posse de lugares predominantes de direcção nos agrupamentos sindicais.

O desvio de direcção internacional operária-seia, depois, com relativa facilidade, nos terrenos económicos e politicos, pela acção impulsora daqueles elementos.

A III Internacional substituiu, eclipsando-a, a II Internacional; a I. S. V., apêndice da I. C., destruiu a F. S. I. (Amsterdã), apêndice da I. S.

A divisão das II e III e meia internacionais, consequência da posição que os partidos socialistas dos países centrais e dos aliados tomaram no concurso pelos mesmos prestados aos respectivos grupos de Estados capitalistas durante a guerra, facilitava—pensaram os moscovitas—à sua acção de absorção e de centralismo ditatorial.

O sentimento de repulsa dos agrupamentos sindicais revolucionários contra aquela acção nociva dos sociais-patriotas habilmente explorado pelos sociais-ditadores moscovitas, à sombra da revolução do povo russo, era canalizado no mesmo sentido.

E tudo caminharia bem, no melhor dos mundos possíveis, se toda aquela acção não obedecesse unicamente a uma desmedida ambição de predominio politico; se estivesse ao serviço dos interesses sindicais, a tactica comunista não fosse apenas uma modalidade da tactica dos excomungados socialistas; enfim, toda aquela acção não constituísse uma manobra dum governo em opposição

aos restantes—que dispõem das forças da III Internacional—no xadrez da politica internacional de todos os Estados nacionais; e se finalmente, os sindicalistas revolucionários não se puzessem em guarda, denunciando, ao proletariado incauto e confiado, o abismo para onde pretendiam lançá-lo aqueles que consideram que cada operário é um carneiro de Panurgio...

A conquista de elementos preponderantes também se effectuou no terreno revolucionário, nos países onde o sindicalismo é autónomo e preconiza a acção directa, com o fim de o desviar para uma acção revolucionária de carácter politico que conduzi-se o partido comunista à conquista do Poder.

E' neste particular que a infiltração absorvente primeiro e depois como acção de desagregação, do proletariado português é semelhante à que foi usada para com agrupamentos de tendências diferentes no terreno politico.

Em Portugal nunca foi forte o partido socialista. E, não tendo tido condições de desenvolvimento, surgiu o partido comunista.

Mas como este fosse pela sua constituição híbrida ou fosse porque o proletariado está já curado dos cantos de sereia politica, ou fosse pelas duas coisas juntas, não conseguiu empolgar as massas.

Este fracasso determinou a nova tactica, representada pela Internacional, órgão de Moscovia patrocinado pelos partidários da I. S. V., que não são senão comunistas encobertos.

E como quer que em Portugal não exista outra agrupação revolucionária do proletariado a não ser a C. G. T., é sobre esta que são lançados seus olhares concupiscentes, e então, para conseguirem seus fins de conquista fácil, apresentam-se—não fazem a coisa por menos—como sindicalistas revolucionários.

Não estamos dando novidade nenhuma, mas é bom frisar esta circunstancia, porque, ao apresentarem-se como tais, eles tinham em vista a conquista da organização sindicalista e dos seus órgãos na imprensa para realizarem a sua obra, não trabalhadora, no sentido da sua emancipação, mas caqueira, eleitoral e oportunista.

Gorados os seus desejos, menos pelo efeito duma opposição formal de elementos adversos do que pela repulsa das próprias massas, por tudo quanto é ambiguo e falso, outra passou a ser a sua acção preferente: a desagregação e a dissolução, para o que não recuam ante os mais baixos processos.

E' tempo destes processos passarem pelo cadinho da critica, porque é tempo já de erguer bem alta a voz da razão e da verdade.

Sirva este de aviso a todos quantos ingenuamente têm acreditado na falsa sinceridade e revolucionarismo de partidários da I. S. V.

A guerra de Marrocos

O protesto do operariado francês

O grandioso protesto do proletariado francês, e a que o nosso jornal se referia há dias, acaba de obter um primeiro resultado com a abertura das negociações de paz com Abd-el-Krim.

Quando Malvy partia para Madrid a sua missão era obter do Directorio uma promessa formal duma cooperação militar da opinião publica que se mostrou hostil à preparação de uma nova e sangrenta aventura.

Por outro lado a opinião do proletariado francês revoltou-se, e 1.500.000 trabalhadores, nos Congressos operários de Lille e de Paris, declararam-se prontos a opôr-se, com todas as suas forças e por todos os meios, à continuação duma guerra onde os filhos dos operários baqueiam em proveito dos banqueiros e dos militares.

No entanto os rifenhos demonstraram a todos os militares, quer espanhóis, quer franceses, que não era sem bastante esforço que se oprimia um povo que luta pela sua independência.

Terá a burguesia compreendido que chegará o momento em que ela não poderá resistir à vontade de paz, claramente expressa pelas massas laboriosas?

Em todo o caso as declarações feitas por Malvy e que transcendemos do jornal "L'Humanité" são bem significativas a este respeito:

«Se Abd-el-Krim aceita que se estabeleçam negociações, será necessário reunir os representantes rifenhos, os franceses e os espanhóis.

Será necessário também, diz o representante francês em Marrocos, que cada uma das partes em presença esteja disposta a consentir em certos sacrificios necessários, como, no fim de contas, sempre succede.»

E' neste tempo que os franceses querem tratar da paz. Mas toda e qualquer proposta de paz, para convencer o mundo da sinceridade, deve ser acompanhada dum armistício immediato. Se os franceses estão resolvidos, devido às circunstâncias, a pactuar com Abd-el-Krim, é preciso primeiro que tudo, que as hostilidades cessem immediatamente, antes disso não.

Processos violentos de coacção sobre os indígenas

PARIS, 17.—«Le Petit Journal», comentando a situação em Marrocos, refere-se à viagem do marechal Pétain e à partida do general Naulin, e faz o elogio do marechal Lyauté, que afirma—compreende perfeitamente a situação.

tamente que a guerra de Marrocos não é uma guerra europeia.

Nesta ordem de ideias fez organizar uma «melilla» cherifiana, sob o comando dum dos irmãos do Sultão. Esta força fará a guerra como a entende Abd-el-Krim, aliás, perfeitamente de acordo com os antigos oficiais alemães que constituem o seu estado maior.

A «melilla» estacionará primeiro na linha da rectaguarda e, depois, acompanhada por oficiais franceses, como agentes de ligação para o fornecimento de todas as informações necessárias, baterá os territórios dos dissidentes ou das tribus em cuja lealdade não existe grande confiança.

Nas terras dos dissidentes ordenará o seu regimento em nome do Sultão, sob pena de serem destruídas as suas casas e confiscadas as suas colheitas, com possível execução ainda dos rebeldes capturados.

Nas tribus incertas constituirá reféns responsáveis pela sua tribu, no caso dela se tornar dissidente.

O emprego de tais medidas, um pouco violentas, corresponde perfeitamente aos métodos do adversário, que se verá assim guerreado pelos seus próprios processos, apoiados em forças consideravelmente accrescidas pelos reforços a chegar, e que serão, decerto, os necessários para restabelecer a ordem no norte de Africa.

A partida de Pétain

ALICANTE, 17.—O marechal Pétain chegou às 9,50 vinda de Toulouse com escala por Barcelona, viajando em avião com destino a Marrocos.

Os franceses bombardeiam

RABAT, 17.—A aviação bombardeou Aicha e Terouans.

Abd-el-Krim continua o avanço sobre Fes.

TANGER, 17.—Os rifenhos continuam avançando sobre Fes. As suas concentrações ameaçam a segurança do norte e noroeste de Taza.

recusa perentoriamente qualquer proposta de paz

PARIS, 16.—Segundo o correspondente de «Le Journal» em Fes, Abd-el-Krim declarou com toda a franquesa ao delegado francês que regeita todas as ofertas de armistício que lhe sejam apresentadas pela França ou pela Espanha.

A emigração judaica na Palestina

JERUSALEM, 17.—A emigração judaica atingiu o «record» de 4.000 imigrantes no passado mês de Junho, contra 2.900 em maio e 13.000 durante todo o ano de 1924. Os arabes dirigiram uma reclamação ao alto comissário britânico, lord Plumer, pedindo que seja detida a imigração dos judeus.

MARCO POSTAL
Olhão.—Ass. Soldadores.—Não recebemos a carta a que se refere; reclamamos ao correio.
Borba.—J. P. Conde.—Recebemos 7500 para a Renovação. Entendido.

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	4	11	18	25
D.	5	12	19	26
T.	6	13	20	27
Q.	7	14	21	28
Q.	8	15	22	29
S.	9	16	23	30
S.	10	17	24	31

MARES DE HOJE
Fralamar às 1,17 e às 1,40
Baixamar às 6,42 e às 7,10

ESPECTÁCULOS
TEATROS

Est. Luf.—A's 20,45 e 22,30—Surpresas de Di-
vercos.
Racional.—A's 21,30—O tio de minhalma.
Politeama.—A's 21,30—O Leão da Esprela.
Rueda.—A's 21,30—O Lodo.
Trindade.—A's 21,30—Ditosa Patria.
Elen.—A's 21,30—A cidade onde a gente se abor-
rece.
Maria Vitória.—A's 20,30 e 22,15—Rataplan.
Castro de S. Maria.—A's 21,30—Concerto pela can-
tora Genevieve Wix.
Juvenio.—A's 21,30—Inimigos e A. Cidadã.
Santo Sep.—A's 20,30—Variedades.
4. Vicente (a Graça)—A's 20—Animatográfico.
Luz de Dique.—Todas as noites—Concertos est-
vercos.
CINEMAS
Olimpia.—Chico Tetrasso—Sala Central—Cinema
Cinecine—Sala Ideal—Sala Lisboa—Sociedade Pro-
moção—A. Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-
perança—Chantecier—Tivoli—Tortoise.

Pedras para isqueiros
METAL «AUER», as melhores do
mundo. Um milhão, 2500. Por
quilo, grandes descontos. Isqueiros
AUSTRIA E PORTUGAL, tubo lar-
go, bom mecanismo, duto 2203.
Tubos fechados e abertos, tampões,
bicos, moles, rodas ócas e massicas.
Pedidos ao unico representante em
Portugal: E. ESPINOSA, FILHO.—
Rua Andrade, 46, 2.º—LISBOA.

Encadernador
Costureira oferece-se para trabalhar em
casa. Rua São Boaventura, 53, 1.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
—guarnições para móveis—
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO AMPARO, 86—LISBOA—TELE: fone, 3930, N.
gramas, FERRAGENS

MATERIAL ELÉCTRICO PARA RAIOS,
MONTAGENS E REPARAÇÕES TELEFONES
FORÇA MOTRIZ E CAMPAINHAS
TELEPHONE C. 5420
LOPES & VALÉRIO, L. DA
(ELECTRICITY)
ABAT-JOURS EM ARAME
Rua Nova do Almada, 16
LISBOA

—E esse fim?
O povo de Paris, no seu bom senso, alcançou o
bispo de Laon uma arma de dois gumes e o povo, se-
nhor, tem razão. Mostrando-se tão hostil ao rei João,
seu sogro, e mais tarde tão hostil ao regente, seu
cunhado, o bispo de Laon jogava com pau de dois bi-
cos: queria com o auxílio do partido popular destronar
em primeiro lugar a dinastia reinante... e depois dar
ao senhor a coroa. E' esta a razão porque não admira
que me diga: «Quero ser rei dos franceses».
—E que pensas tu da minha pretensão?
—O senhor tem algumas probabilidades de subir
ao trono.
—Com a tua ajuda?
—Talvez.
—Que dizes? exclamou o rei de Navarra podendo
apenas dissimular a sua alegria. Depois, reflectindo e
lançando sobre o preboste dos comerciantes um olhar
desconfiado, guardou um momento de silêncio e con-
tinuou:
—Marcel, tu armas-me uma cilada. Eu sei como,
e mais de uma vez, tu te tens exprimido a meu respei-
to.
—Ao senhor chamam-lhe Carlos o Mau e eu afir-
mo que foi bem posto o sobrenome; mas o senhor é
activo, subtil e empedreador; o senhor comanda nu-
merosos troços armados; os seus partidários são nu-
merosos, as suas riquezas consideráveis; o senhor é,
em uma palavra, uma força que, logo que chegue a
ocasião, pôde ser útil. Por isso o libertei da prisão
onde o tinha encarcerado o rei João, seu sogro.
—De modo que eu, Carlos rei de Navarra não se-
rei mais do que um instrumento nas mãos de Marcel,
o mercador de panos.
—O senhor lá tem as suas vistas; eu tenho as mi-
nhas. São estas. Rodeado de conselheiros detestáveis;
o regente, hipócrita e teimoso, ludibria os seus jura-
mentos. Assinou e promulgou as ordenações de refor-
mas, abraçou-me chorando, chamando-me seu bom

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja 1500
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura 500
José Prat — A burguezia e o proletariado 500
A necessidade da Associação... 500
Content — Contra o confussionismo, Alfredo Neves Dias. — Razão (poem- to social) 500
Landauer — Social Democracia 500
R. Mela — O principio do fim 500
A maçonaria e o proletariado 500
J. Most — Peste religiosa 500
J. Rio 1500
Trovos da noite 1500
Definições sociais 500
Contos dum revoltado 1500
Roberto o Pescador 1500
Carnet de Pensamento 500
J. Bakunine — No sentido em que so- mos anarquistas 500
Chueca — Como não ser anarquista 500
B. Lazare — A Liberdade 500
J. Etrevant — A minha defesa 500
Kropotkin 500
A mocidade 500
Os bastidores da guerra 500
Moral anarquista 500
O espirito revolucionário 500
J. Guedes — Lei dos Salários 500
Briand — A greve geral 500
Roland — Russia Nova 500
O sindicalismo e os intelectuais 500
D. Carvalho — A gestão sindical no periodo revolucionário 500
A. Hamon — A crise do socialismo 500
J. Santos — A transformação da so- ciedade 500
Neno Vasco 500
Georgicas 500
Greve de inquilinos, teatro 500
Domela — Patria e Humanidade 500
Proletariado Histórico 500
G. Archinot — A Revolução e o Sindicalismo 500
Carlos Rates — A ditadura do pro- letariado 500
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus 500
N. Lenin — A luta pelo pão 500
Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária 500
Trotski — Constituição politica da República dos Sovietes 500
G. Williams — O Congresso da In- ternacional Sindical Vermelha 500
C. de O. O. N. M. — Procriação consciente 500

LOTARIAS PARA REVENDER
Forneco aos mais baixos preços
Afonso Pereira de Carvalho
Rua do Mundo, 115—LISBOA

LEILÃO DE PENHORES
R. A. M. Alegrete, 30
Definitivamente a 20 do que esteja em atraso.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 4 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Villar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 a 3 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—4 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—3 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—4 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raios X—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—D. Gabriel Bento—4 horas.

CLINICA DO CHIADO
RUA GARRETT, 74, 1.º
TELEFONE C. 4186
Doenças venéreas
Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

EM ESPANHOL
Rodolfo Rocker 13500
Artistas e Rebeldes 1350
Bolshevismo y anarquismo 1350
La Cris del anarquismo 1350
José Terralvo — La Revolución 1350
Lelio O. Zeno — Problemas universi- tários 2500
La Revista Blanca — Arte, Ciencia e Literatura. Cada numero 2500

REVISTAS
Escola Nova, da Ass. dos Profes- sores de Portugal 500
La Revista Blanca em espanhol 500
Renovação, vários tomos a 1500

Companhia Nacional de Navegação Vapor CONGO
Sairá no dia 25 do corrente para Fun- chal, São Vicente, Praia, Príncipe, São Tomé, Landana, Cabinda, Zaire, Boma, Nequi, Matadi, Ambriz, Loanda, (Ambrizete e Quinzu com transbordo em Loanda), Amboim, Novo Redondo, Lobito, Bengue- la, Culo, Mossamedes e P. Alexandre.
Para carga, dirigirse aos escritórios: Em Lisboa, Rua do Comércio, 85, No Porto, Rua da Nova Alfândega, 34.

A prestações Calçado, fa- zen- das, fatos, relógios, mobili- as, fatos para operários. Sem fiador. Travessa de André Valente, 7, (aos Paulistas).

PEDRAS PARA ISQUEIROS
Metal Auer, assim como todas as ma- cicas, tubos, moles, chaminés de 2 a 5 peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 25 e 27, e quiosque. Dirigir-se a Francisco Pereira Lata e a casa que fornece os melhores de 2.ª e 3.ª dição.

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Maria
CLINICA MEDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 9 (a Rua do Amparo)
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lu- ciano Condado)

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professore 5400
Comédia em 1 acto de Tristan Bernard, traduzida por Gaston Moch, 1 volume de 44 páginas
Aspazio 8900
Tragédia em 5 actos de Sventohorski traduzido pelo dr. Leono Zamenhof, 1 volume de 157 pá- ginas
La Avarulo 5400
Comédia em 3 actos de Molière, tradução de Sam Meyer, 1 vo- lume de 64 páginas
La Barbiro de Sevilla 4900
Comédia em 4 actos de Beaumar- chais, tradução de Sam Meyer, 1 volume de 64 páginas
Bildotabluj 15000
De Thora Goldsch mt. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estampas elucidativas; é indispensá- vel. 1 volume encadernado
Chaves de Esperanto 500
Pecenas, absolutamente portá- teis, esplêndidas como auxi- liar e para propagação, con- tenido gramática e vocabulário...
Elektilaj Premioj 2460
De Henri Heine, tradução de Fried- rich Pillath, 1 volume de luxo
La Elementoj kaj la Vortfarado 5900
De Cefec, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas
Esperanto et Croix-Rouge 2450
De Bayol. Em francês e Esperan- to, com a terminologia mili- tar e de enfermagem; precioso para conferencistas militares, 1 volume
Enkiklopedio Vortaro Esperanta 20900
De Verax, com explicações em Es- peranto e tradução em francê- s. volume de 284 páginas
Esperantaj Poemoj 2435
De C. Chr. Drogendijk
Esperantaj Prezajoj 8900
De diversos autores. 1 volume de 246 páginas
Fantomo en Zublo 4900
De Kolomano Mikszath, tradução de Eugenio Forster
Fatala Suldo 12400
De Leonel Dalsace, obra teosófi- ca traduzida por E. F. Cense, 1 vo- lume de 318 páginas
Fraulinio Suzano 3900
Novela por Arsenjko, tradução de P. Medem, 1 volume
Freneze 3900
Dois dramazinhos em 1 acto, ori- ginaes de F. Pajula-Valjés. 1 volume de 49 páginas
Fundamenta Krestomatio 6900
Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir. 1 volume de 460 pági- nas
La Fundo de l' Mizerio 3900
De Vaclav Sierosevski, tradução do dr. Kabe. 1 volume de 88 páginas
George Dandin 6900
Comédia em três actos de Mo- lière, engracadaíssima. 1 volume de 52 páginas
Halika 15500
Opera em 4 actos, texto de Wols- ki, tradução de Antoni Gra-
TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio de carta registada na qual será enviada a importância res- pectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e registo.
Os preços de porte são os seguintes:
Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 3 quilos, \$550.
Brasil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.
América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$850.

Biblioteca de Instrução Profissional
Construção Civil

Materiais de construção
Considerações gerais. Pedras de construc- ção, aviaamentos, cal, areias, pozolanas, gês- sos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias di- versas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGUARDO.
1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina 20\$00
Terraplenagens e alicerces
Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, ater- ros, transporte, preços. Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sonda- gens, diversos sistemas de fundações. Dre- nagens. Descrição geral dos andaimes e es- coramentos empregados nas construções. Elementos orçamentais, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGUARDO.
1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina 13\$00
Trabalhos de Carpintaria Civil
Descrição de ferramentas. Estudo de sam- blagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobra- dos, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, ja- nelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGUARDO.
1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina 16\$00

Caminhos de Ferro do Estado
Direcção do Sul e Sueste
SERVIÇO DE ESTUDOS E CONSTRUÇÃO
Concurso para a adjudicação dum forneci- mento de cantarias

ANÚNCIO
Pelo presente anúncio se faz público que no dia 11 do próximo mês de Agosto pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede, 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação do fornecimento de cantarias para o edificio do apeadeiro de Santo Ame- ro, casa de pessoal anexa e retretes, na li- nha de Estremoz a C. de Vide, Secção de Estremoz a Fronteira.
Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que effectou em qual- quer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o de- pósito provisório de 1.240\$000.
As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1\$50 devidamente inutilizado. Base de licitação 46.900\$000.
Concurso para a adjudicação de emprei- tada n.º 5 de terraplenagens, entre os perfis 1045 e 1072 do 2.º tanço do Ramal de Sines.
Pelo presente anúncio se faz público que no dia 10 de Agosto mês de 1923 pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sede, rua de São Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da empreitada n.º 5 de terraplenagens, da Variante entre os perfis 980 e 1146.
Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que effectou em qual- quer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 8.957\$000.
As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1\$50 devida- mente inutilizado. A base de licitação é de 358.278\$88.
O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para para prefazer 5 %, da importância total da adjudicação, constituindo assim, para ga- rantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará a ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qua será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.
O reforço indicado deverá effectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido reali- zado o depósito provisório.
O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Estudos e Construção, rua de São Mamede, 63, ao Caldas, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 às 16 horas.
Lisboa, 15 de Julho de 1923. — O Enge- nheiro Chefe do Serviço de Estudos e Con- strução, C. Carvalho.

LER E ASSINAR
Os Mistérios do Povo

18-7-1923 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 480

pai; jurou a Deus e a todos os seus santos que ele queria o bem do povo, que se associava lealmente a grandes medidas decretadas pela assembleia nacional. O regente falta a todas as suas promessas; a sua velhacaria, calculada, a sua má vontade, a crescida au- dácia dos seus cortejos e da nobreza, soberana nos seus domínios, obstem ou estorvam a execução dos novos editos. O regente excita em segredo a inveja de grande número de cidades comunais, contra Paris, que quer, segundo dizem, «governar a Gália». A nobreza, na sua inacção, abriga-se nos castelos fortes e deixa os ingleses estender as suas devastações até às portas de Paris. A falsa moeda real continúa a arruinar o comércio, a aniquillar o crédito. Finalmente, há dois dias, os validos do regente mandam supplicar e muti- lar um burguês de Paris à sua vista, revelando d'este modo o insolente desprêzo da corte pelas lei promul- gadas pelos estados gerais. O plano da corte é sim- ples: cançar o país à força de desastres; tornar impos- sível o bem que se esperava tão justamente da assem- bleia nacional, governo popular tendo o rei, não já por senhor, mas por seu agente; finalmente espera-se po- der dizer um dia ao povo, do qual estas odiosas cabalas terão feito a miseria intolerável:
—Povo, aqui estão os frutos da tua rebelião. Em lugar de permaneceres submisso d'esse modo, como no passado, à autoridade soberana dos teus reis, tu quizes-te reinar por ti mesmo, enviando os teus depu- tados aos estados gerais; estás hoje pagando a tua louca audácia. Possa tão áspetra lição provar-te mais uma vez que os principes nasceram para mandarem como senhores e os povos para obedecerem como vas- salos. E agora, recobra com humilde arrependimento o teu jugo secular.
—Verdadeiro Deus! se tu tivesses como eu assis- tido muitas vezes às conversações de meu cunhado e dos seus conselheiros, não estarias de certo mais bem instruído dos seus projectos!... E se eles triumpham, ficarás desesperado?
—Hoje desesperado, é verdade, senhor, mas cheio

de esperança em amanhã, quero ensaiar uma última tentativa com o regente.
—E se não conseguires nada, tratarás comigo?
—De dois males o menor, senhor.
—Finalmente, tu crês encontrar em mim o que falta ao regente?
—O senhor tem sobre ele imensa vantagem. Quer ser rei; e o nascimento do regente fê-lo rei de França.
—Esquece-te da minha realza de Navarra?
—Com effeito, esqueci-me disso... do mesmo modo que o senhor se esquece pelo que diz respeito à coroa de França. Eu dizia pois que um rei por direito de nascimento encara toda e qualquer reforma como um ataque ao seu poder... O senhor, pelo contrario, en- carará as reformas como um meio de usurpar o poder. Ora, por mais pífido que seja Carlos o Mau, desa- fio-o para que não assinala a sua exaltação ao trono, e isto por seu único interesse, promulgando grandes me- didas uteis ao bem publico. Será já alguma coisa adquirida...; mais tarde veremos o que se há de fazer.
—Para me derrubar?
—Procurarei fazê-lo quanto possa, senhor, e com todas as minhas forças, logo que o veja afastar-se do bom caminho.
—Nesse caso destruirias sem remorso a tua obra?
—Sem remorso! E daí, será bom, senhor, que não succeda como no tempo da primeira e da segunda raça, em que os officiaes do palacio ou os grandes senhores feudais eram os únicos que destronavam os reis e mu- davam as dinastias!
—E quem havia de incumbir-se de tão pesada ta- refa?
—O povo, senhor! E' mister que saiba pela expe- riência, esse povo ainda criança e crédulo, pôde mais tarde varrer dum sópo os seus amos soberanos, des- cendentes da conquista e sagrados pela Igreja. Por isso, quando um dia, daqui a séculos talvez, este povo chegar à idade da virilidade, ele compreenderá a ru- inosa e temível superfluidade do poder real; mas êsses tempos vão longe! Nos nossos dias, o povo ignorante,

e rotineiro, querará só destronar um senhor e amo, e coroar outro, com a condição de que elle seja príncipe. O senhor é d'esses predestinados; pode mesmo pre- tender a reinar na Gália em nome de uma das suas avós esbulhada, creio eu, da coroa em beneficio de seu primo Filipe de Valois. Por isso lhe disse, senhor, que não era impossivel reinar um dia... Eventuali- dade deplorável, mas que se pode dar!
—Precisas de coragem para me falares d'esse modo?
—Não, senhor. Em logar de lhe dizer a verdade, se eu o adulasse com baixêas, amanhã sendo rei, o seu primeiro cuidado seria sempre desfazer-se de mim.
—De ti, que me terias servido tão utilmente?
—Com maior razão ainda, porque a minha pre- sença, lhe recordaria de continuo a sua divida... Mas não importa; que eu morra hoje ou amanhã, que o se- nhor seja rei ou não, que a minha última tentativa so- bre o regente não obtenha resultado, que o partido da corte triunfe, succeda o que succeder, se o presente es- capa ao partido popular, o futuro pertence-lhe. Sim, faça-se o que se fizer, a ordenação das reformas de 1356 e a acção soberana da assembleia nacional nestes tempos deixarão vestigios imorredoiros. Semei muito apressadamente, dizem uns... e acrescentam:
—Para colheita apressada, colheita tardia; seja; mas eu semei...; o grão foi lançado à terra, cedo ou tarde o futuro colheirá a minha missão está cumprida! posso morrer. Agora, senhor, em resumo; se não con- sigo êxito na minha última tentativa com o regente, recorro a si. Não me dá o primeiro que tudo capto general de Paris...; será o seu primeiro passo para o trono; depois veremos como se há de conduzir a coisa a bom fim, segundo a nossa divisa.
—As minhas primeiras palavras ao entrar em tua casa, foram:
—Marcel, eu quero ser o rei dos franceses. Tinha o meu projecto; renuncio a elle para me aproveitar do teu, disse Carlos o Mau pegando na capa. E's um da- queles homens inflexiveis que nem se convencem nem se corrompem. Não buscarei fazer-te mudar de pre-



AS PRISÕES DA REPÚBLICA

A cadeia civil do Barreiro está transformada num foco de infecção onde agonisa um infeliz preso

BARREIRO, 17.—E' degradante a forma como nestas malditas repúblicas são tratados os indivíduos que têm a desdita de cair nas garras policiais. Além do tratamento civilizador, por meio de cavalo marinho, ainda têm, para repouso e guarda, um outro infecto, onde se acumula toda a espécie de imundície, que é a vergonha da civilização e da higiene.

Constando-nos que o carregador dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, Manuel Inácio da Silva, estava detido na cadeia desta vila, depois de ter sido barbaramente soado a cavalo marinho por dois heróis policiais e uentiles, seus captores, — Afonso e César — e numa casa cheia de dejectos e imprópria, fomos até ali para verificar o que de verdade havia em tudo o que nos era narrado.

A cadeia cadeia faz parte das dependências do edificio denominado: Paços do Concelho. Neste edificio estão instaladas todas as repartições públicas. A um dos lados há um quintal com uma retrete e urinoes, que fica junto as prisões e moradia do carcereiro, bem como algumas repartições.

Como a fossa ali feita para receber os dejectos se enchesse, entenderam, por bem, deslapp-la, pondo-lhe depois uns pranchões sobre o buraco aberto. As emanções fétidas que se espalham são horribes, envenenando o ar que têm de respirar todos aqueles que são obrigados a ali ir ou permanecer.

E' um foco de infecção para os habitantes das proximidades.

Há ainda o facto notável de todos os dias ali ir um médico dar consultas e fazer vacinações. Disseram-nos que tem reclamação sem ser atendido.

Quando um sub-delegado de saúde, que deve conhecer o assunto, não compreendemos a sua inação em caso tão perigoso para a vida pública.

Depois de passarmos por este apestoso monte de *caca*, que quasi nos fez perder os sentidos, entramos na prisão onde se encontrava a vítima desta iniqua sociedade.

A decepção aqui foi maior, e maior foi o número de forças que tivemos de reunir para ali nos poderemos conservar, ainda que por momentos. Ao canto desta cadeia prisão há também uma retrete que, de cheia que se encontra, está a extravasar!

INTERESSES DE CLASSE

Operários do município

Ocuparam-se do trabalho de empreitada e do aumento do salário

Reuniram em grande numero, na sede do S. U. C. Civil, para apreciarem as demarchas realizadas junto da vereação pela comissão de melhoramentos a respeito do aumento de salário e empreitadas.

Depois de vários oradores terem verificado o procedimento da vereação que ainda não tendem completamente as reclamações, houve sete mezes apresentadas pelos seus operários foi resolvido distribuir um manifesto ao povo de Lisboa, expondo a miséria dos salários que estão auferindo e a forma porque é esbanjado o dinheiro dos municípios.

Foi também resolvido convidar os operários da câmara a uma paralisação num dia da próxima semana, e aprovou-se, por fim, uma proposta para que, não dando os vereadores a devida solução ao assunto, se promova uma reunião magna da classe a fim de determinar-se a attitude a tomar.

Caminhos de Ferro do Estado

Continuam as propotancias

O sr. Pinto Teixeira, actual administrador destes caminhos de ferro, entrou para ali por uma sorte espantosa, pois pode orgulhar-se de até á data ninguém ter bricado com os funcionários como ele o tem feito.

Quando acabará isto? Desabonam-se praticantes com 5 anos e mais de serviço e, no entanto, verifica-se todos os dias a entrada de eventuais e mulheres para os mesmos caminhos de ferro, onde são licenciados por falta de verba.

A cópia este figurino do administrador vão alguns encarregados de serviço, chefes de serviço, um sudário, enfim.

Agora temos a registar um belo gesto praticado pelo antigo camarada Alberto Tavares Gouveia, encarregado geral da via fluvial, que não informou convenientemente o abono de 4 dias de doença ao maquinista fluvial Carnot Pereira, que em consequência de ter tratado de um bronze que aqueceu e estar a suar imensamente, quando se dirigia para casa, no Seixal, com muito vento, apanhou um resfriamento que o impossibilita de trabalhar devido a ter-lhe tomado todo o lado esquerdo, braço e perna e até a própria fala, pois aquela boa alma, sabendo perfeitamente como aquele operário se encontrava não teve receio em informar-nos para que ficasse cercado de receber os respectivos 4 dias.

E assim que é servido o Estado e são perseguidos os ferroviários que querem que isto progreda.

Existem outros serviços, em que a violência dos chefes se vai fazendo sentir de uma forma esmagadora, para o que chamamos a imediata intervenção do sub-director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste a fim de evitar qualquer conflito.

Um ferroviário.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS NO PORTO

Amantia, às 15 horas, o dr. Campos Lima dá as suas costumadas consultas jurídicas na sede da U. S. O. do Porto a todos os operários confederados.

HORARIO DE TRABALHO

Pela Companhia União Fabril

Um cabo de esquadra entendeu que o horário de trabalho devia ser excedido e, parece, proceder-se-há de acordo...

Um caso curiosissimo acaba de se passar com a Companhia União Fabril, referente ao horário de trabalho.

A negregada C. U. F. requereu ao governador civil que fosse consentido ao seu pessoal das oficinas e de bordo trabalhar duas horas suplementares pagas a dobrar.

O governador enviou esse requerimento, para informar, a esquadra do Calvário.

Um cabo da mesma esquadra informou que era, de facto, necessário o trabalho de duas horas suplementares do pessoal daquela empresa.

Esta é de cabo de esquadra! Um cabo de esquadra a informar das necessidades da laboração de uma fábrica.

E o requerimento lá seguiu com a informação do cabo, para o governo civil e dali para o ministério do Trabalho.

O que o cabo certamente não informou é que as horas suplementares que o pessoal sempre tem feito, nunca foram nem tendem a ser pagas a dobrar, mas sim com 50 %, mais apenas.

E aqui está todo um numerosissimo pessoal sujeito a trabalhar de harmonia com as determinações de um cabo de esquadra! Esta só lembraria á alta mentalidade de um cabo de esquadra e, no entanto, o sr. governador civil achou bem, e igualmente achará bem a C. U. F. pois que isso só á ela beneficia.

A saúde e a situação económica dos seus operários são causas de pequena importância.

O que é preciso é que eles trabalhem o mais possível e ganhem o menos possível, nem que seja por um decreto dum cabo de esquadra.

Obras do "Gimnasio"

A secção profissional dos pedreiros do S. U. C. Civil protesta contra o procedimento dos operários António Antunes e Bernardino Silva, que nas obras do "Gimnasio" estão trabalhando por tarefa, o que para lhes dar ganho sufficiente os leva a fazer horas suplementares.

O ultimo, destes operários é já useiro e vezeiro, em casos desta natureza. Será bom que tenha um pouco mais em consideração os interesses da classe a que pertence.

Condutores de Carroças

Reuniram ontem os condutores de carroças da área do Poço do Bispo, sendo grande o entusiasmo e concorrência, para apreciar a forma como os condutores da fábrica 24 de Julho têm procedido para com os seus camaradas de Xabregas e Beato, com os quais se deviam de ter solidarizado, pois continuam trabalhando oito e meia horas.

Estiveram também no gabinete da direcção para tratar de assuntos que lhes diziam respeito os condutores da casa Alfredo Rosário Faria.

A comissão administrativa exorta os trabalhadores em luta a manterem a mesma altiva attitude, pois só assim alcançaram o que almejam.

VILA NOVA DE GAIA

UM INDUSTRIAL CAPRICHOZO vota à fome os seus operários

VILA NOVA DE GAIA, 16.—Por motivo de desinteligências entre M. Monteiro de Pinho, industrial metalúrgico, e um seu sócio, que merece as sympathias do pessoal, fez aquele com que as oficinas fossem encerradas, lançando assim muitos operários na miséria.

O S. U. Metalúrgico de Gaia, em organização, renidido, levantou o seu mais veemente protesto contra o procedimento do sr. M. Monteiro de Pinho.—C.

II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

A comissão organizadora deste Congresso acaba de enviar uma circular a todos os organismos, onde expõe as vantagens da sua realização, e vai em breve enviar uma outra para lhe serem enviados dados estatísticos sobre a grafia em Portugal.

Toda a correspondência deve ser enviada para a Comissão Organizadora do II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, rua António Maria Cardoso, 20, r/c.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Porto.—Manipuladores de Pão.—O advogado leva resposta sobre vossos officio.

São Domingos.—Mineiros.—As participações são feitas em papel comum de 25 linhas e enviadas ao delegado do governo. Se este não providenciar, então ao governador civil. A lei não está suspensa e tem razão jurídica, podendo recorrer ao tribunal.

Via Glória.—Rurais.—Participação entregue tribunal. Arbitros: na devida oportunidade serão informados.

Almada.—C. Civil.—Recebido vossos officio, vamos enviar á importância.

Coimbra.—Manipuladores de Pão.—Vai ser enviado subsidio.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos eventuais).

CRISE DE TRABALHO

Operários das obras do Estado

Reuniram anteontem os operários licenciados das obras do Estado, no Sindicato da Construção Civil. Pela comissão de demarchas foram expostas as diligências realizadas junto do governo e do Parlamento.

Segundo aquella exposição o ministro do Comércio afirmou que, quando fosse discutido o orçamento apresentaria uma proposta de reforço á verba dotando as referidas obras de forma a não faltar o dinheiro necessário para o seu prosseguimento.

Acrescentou um dos comissionados que foram bem recebidos pelos parlamentares que acham legitima a petição.

C. Civil de Cascais

CASCAIS, 16.—Tem havido agora furtura de trabalho, mas ela é apenas momentânea devido ás intimações camarárias para limpeza de prédios. E' bom que o operário se acatele com o inverno que se nos afigura ir ser dos piores.—C.

AS GREVES

A dos condutores de carroças aproxima-se do fim

A comissão de demarchas recebeu ontem mais a adesão ás reclamações formuladas sobre o horário de trabalho das casas seguintes: António Amaral, Luís Simões Marques Limitada, José Martins, A. Rodrigues & C., Alberto Henriques Pereira, J. Alves & Esteves, Arthur Torres, Pereira, J. A. Ferreira & Sousa, Serafim Simões, Peixinho & C., Arsénio da Silva, António Gomes Rodrigues, José V. Covelo, Coelho & Nunes, Manuel da Silva Torrance & C., Irmãos Limitada, Leiria & Lourenço Limitada, António Lopes da Silva, Simão & Nascente, Rodrigues & Martins Limitada, João Gomes Miranda Limitada, João Gomes Ladeira, Silva & Pimentel Limitada, Hortêncio de Almeida, Luís Soares Ribeiro, José Francisco Penedo, Filipe & André Limitada, Baptista Maximiano & Garçon, Arthur Rodrigues Maia, Costa Gomes & Oliveira Limitada, Alfredo Fernandes, Jiliveira Limitada, Francisco Mendes, Celestino Figueiredo, Miguel & Barros, Manuel Joaquim Real, António Barros, Manuel Duarte Cruz, Joaquim Duarte, António José da Costa & C., José António Barral & C., António Martins & Filho, C. Augusto Ramos, José Maria, Francisco Gago, M. J. Ribeiro Mota, Santos & Fernandes Limitada, Luís Maria de Amorim, Fábrica Seixal, João Leal & Irmãos, António Lourenço, José Rodrigues, Henrique & Rodrigues, Manuel Casal Amoreiro.

Estes são os proprietários que ontem foram ao sindicato apresentar os seus documentos legais, em que se comprometem a cumprir com o horário de oito horas de trabalho.

Ainda faltam dar a sua adesão as casas: João Francisco, Alfredo Rosário Faria, José Martins, Manuel Luís Fernandes Alves, Raúl Marques, Santos & Silva, António Franco.

Podem estes senhores estar certos que não irão os seus pessoais entregar-se-lhes, por muito grande que seja a sua teimosia.

Camaradas! A comissão aconselha-vos a não retornarem o trabalho sem que os patrões venham dar-nos as suas adesões e a continuar na attitude digna até aqui mantida, pois o conflito está quasi solucionado.—A Comissão Administrativa.

UM DESVIO LAMENTAVEL

Do conselho administrativo da Universidade Popular Portuguesa recebemos ontem, em resposta aos nossos comentários ao "Serão de Arte Religiosa" que aquella instituição promoveu, um comunicado que á absoluta falta de espaço não nos permite que hoje o publicquemos, o que faremos no numero de amanhã.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Juventude Sindicalista do Porto

Há grande entusiasmo pelo festival que o N. J. S. do Porto promove na noite de 24 do corrente, e pelo passeio de confraternização, no dia 26, á Ponte da Pedra, cujo programa é cheio de atractivos.

A comissão lembra a todos os jovens que têm bilhetes a seu cargo, que devem fazer a passagem de modo a poderem prestar contas no dia 20. Roga-se também ás jovens que entreguem as suas prendas até ao mesmo dia.

Na Secção de Palma e Arredores

Para solenizar o encerramento do ano escolar da Secção da C. Civil de Palma e Arredores, a direcção organizou o seguinte programa:

1.º de Agosto.—O grupo dramático Os Sociais levará á scena o drama em 3 actos "O amor louco" e a comédia em 1 acto "A arte de Montes" havendo um acto de "cabaret". A festa será abrilhantada por um grupo de bandolistas.

2.º de Agosto.—A's 14 horas venda da flor e quermesse com o concurso da Sociedade Recreativa 2 de Abril de 1892. A's 21 horas sairá dramático dedicado ás famílias dos alunos.

A sessão solene realiza-se, pelas 16 horas, com o concurso de delegados de todos os sindicatos operários e secções profissionais.

FERROVIARIOS DO ESTADO

A comissão de melhoramentos dos ferroviários do Estado reuniu há dias na sede do sindicato dos ferroviários do Sul e Sueste tratando, atentamente, da situação miserável que a mesma classe atravessa, resolvendo elaborar as reclamações a entregar ao governo sobre situação moral e económica.

Hoje novamente reúne na sede, ás 21,30, em Barreiro, a fim de apreciar uns assuntos urgentes.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

A oito de julho reabriu a sessão, pelas 21,45 horas.

Lê-se uma credencial da F. Portuguesa do Livro e do Jornal acreditando como seu delegado ao conselho Delfim de Sousa Pinheiro, em substituição de António Monteiro, sendo aceite. Nomeado Manuel Nunes delegado a um comicio, no dia 12, em Ponte de Sôr, conforme pedido do S. U. C. Civil dali.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, deficiências de A Batalha, falam sobre o assunto. Artur Aleixo de Oliveira, que, como administrador lê um relatório, Santos Arranha, Almeida Marques, Henrique Rijo, Manuel Nunes, Artur Cardoso, Manuel Figueiredo, Silva Campos, Jerónimo de Sousa e Alfredo Pinto, sendo a sessão suspensa ás 0,30 horas.

Reaberta a sessão no dia 10 falam ainda sobre o mesmo assunto Almeida Marques, Santos Arranha, Joaquim de Sousa, Vergílio de Sousa, Henrique Rijo, Manuel Joaquim de Sousa, Aleixo de Oliveira, Mário Pinto, Manuel Figueiredo, Jerónimo de Sousa, Alfredo Pinto.

Foi aprovado um requerimento de Mário Pinto e Jerónimo de Sousa para que fosse dado o assunto por discutido sem prejuizo dos oradores inscristos e passando-se á votação dos documentos sobre a mesa.

Rijo requer, sendo aprovada, a votação nominal.

A moção a seguir foi aprovada por 13 organismos contra 4 rejeições e 1 abstenção:

"Considerando que o órgão da C. G. T., A Batalha, a publicação de livros, de folhetos, etc., constituem um dos aspectos da propaganda a desenvolver pela C. G. T. e por consequência, estão dentro da esfera de acção, do Secretariado de Propaganda; que é preciso metodizar convenientemente todos esses trabalhos, de forma que os objectivos que os determinam sejam completamente realizados;

que é indispensável criar ou dar poderes a um conjunto de elementos, que colectivamente sejam responsáveis directos adentro do Conselho Confederal de todos esses trabalhos de propaganda escrita;

que o Secretariado de Propaganda não poderá desempenhar completamente a sua missão desde que não tenha poderes amplos para todos os trabalhos de propaganda escrita ou falada;

que os vários assuntos de carácter geral que correm pelos diversos serviços do jornal e Secção Editorial—administração, redacção e tipografia—precisam de estar sob o controle duma entidade que tenha os suficientes poderes para os resolver;

e ainda que é indispensável e lógico que essa entidade faça parte integrante do Conselho Confederal.

O Conselho Confederal resolve:

1.º Que o Secretariado de Propaganda, dentro do seu natural âmbito de acção, passe a dirigir todos os serviços de propaganda escrita que são propriedade da Confederação Geral do Trabalho.

2.º Que tenha o mesmo poderes de resolução para os assuntos referentes a propaganda escrita sob qualquer aspecto.

3.º Que todos os assuntos de reconhecida importância e carácter geral sejam submetidos sob a forma de estudo á apreciação do Conselho Confederal sem cuja concordância não poderão ser postos em pratica.

4.º Que do Secretariado de Propaganda façam parte como efectivos ou agregados os camaradas administrador e director do jornal.

Por dez votos contra quatro e uma abstenção foi também aprovada estoutra moção de Jerónimo de Sousa:

"Considerando que o pedido de demissão do camarada Silva Campos está justificado pelas razões apresentadas pelo mesmo, o conselho resolve:

1.º Aceitar a demissão de Silva Campos;

2.º Nomear um delegado para o substituir, ficando com o encargo de efectividade dentro da redacção."

Almeida Marques propõe, para director de A Batalha, Santos Arranha. Este recusa pronunciando-se sobre o caso Manuel Nunes, Silva Campos, Vergílio de Sousa e Alfredo Pinto.

Por fim é eleito Santos Arranha por 13 organismos contra 1 rejeição e 3 abstenções.

Silva Campos informa do extrativo de parte do relatório do Congresso Internacional, o que não prejudica a sua publicação e a necessidade de organizar o protesto contra as guerras no próximo dia 2 de Agosto, conforme resolução tomada, sendo depois encerrada a sessão.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Com a presença de delegados dos Sindicatos de Aveiro, Lisboa, Faro, Orlhão, Vila Real de Santo António, Viana do Castelo, Oeiras, Porto, Messines, Valença do Minho, Barreiro, Tires, Monção, Mirandela, Torres, Novas, Beja e Estremoz, reuniu ante-ontem o Conselho Confederal tendo apreciado officios dos Sindicatos de Ponte de Sôr, Barcelos, Reguengos de Monsarás e Secção Confederal de Propaganda no Norte, aos quais foi dado o devido andamento, tendo sido nomeado o delegado Daniel Francisco para uma sessão de propaganda a realizar em Reguengos, e resolvido proceder-se á elaboração da nova regulamentação para as Secções Federais de Propaganda.

Foi mais uma vez apreciada a attitude de perseguição que em algumas localidades as autoridades moveem aos operários que pretendem fazer cumprir o horário de trabalho, tendo sido nomeada uma comissão que irá entrevistar sobre o assunto o ministro do Trabalho e Interior e resolvido instar com o Conselho Juridico da C. G. T., para abreviar a elaboração do sen parecer sobre o cumprimento do horário de trabalho.

Foi apreciada a difficil situação económica criada a esta Federação pelos Sindicatos que se encontram em atraso de pagamento das suas requisições de expediente, resolva-se enviar-se á todos os Sindicatos uma venda enviar-se de que a Federação circular avisando-os de que a Federação de futuro não fornecerá expediente sem que as requisições venham acompanhadas da respectiva importância.

Foram nomeados os delegados Avostinho

Capitão, Armando Duarte e Joaquim Martins para procederem á revisão dos mapas de recense e despeza correspondentes ao 2.º trimestre do corrente ano.

Foi apreciada a circular da C. G. T., enviada por intermedio desta Federação á todos os Sindicatos aderentes, para que os mesmos se façam representar no próximo Congresso Confederal, tendo a Federação resolvido fazer-se representar no referido Congresso por intermedio do seu secretario geral.

Apreciado largamente o infame regime de censura a que se encontra submetido o jornal A Batalha, o Conselho resolveu louvar a attitude da Associação dos Vendedores de jornais e lavar o seu protesto contra a infame perseguição a que está sendo sujeito o órgão da classe operária.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE: Manufatureiros de Calçado.—A assembleia geral, ás 21 horas, para continuação dos trabalhos pendentes.

Pescadores de Camarão e Marisco.—Pelas 14 horas, em assembleia geral, para tratar de assuntos de interesse para a classe, na calçada Castelo Branco Saraiva, 4, 1.º.

DIAS PRÓXIMOS: Federação Corticeira Nacional.—Amanhã, pelas 13 horas, o conselho federal.

Calafates de Lisboa.—Amanhã, ás 13 horas, em assembleia geral, para se ocupar dum assunto urgente.

Caxeiros de Lisboa.—No dia 23, pelas 21 horas, em assembleia geral extraordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º, apreciar os actos da actual direcção; 2.º, apreciar e resolver o conflito travado entre os alunos e a mesma direcção; (estes dois números são incluídos na convocatória a requerimento de alguns associados, nos termos do n.º 3.º do art.º 14 do Estatuto); 3.º, tomar conhecimento da moção votada pelo conselho de delegados da C. S. do T. de Lisboa que resolve não aceitar o delegado desta associação nomeado em assembleia geral, deliberando o que houver por conveniente.

JUVENITUDES SINDICALISTAS Nucleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reúne hoje extraordinariamente, pelas 20,30 horas, sendo imprescindível a comparencia de todos os membros em virtude da importância do assunto.

Aulas de Educação Mútua.—Encontram-se já abertas as inscrições para as Aulas de Educação Mútua que vão ter inicio brevemente, devendo os filiados nas Secções da Meia Laranja e Metalúrgica inscrever-se na sede desta última e os filiados nas Secções Mobilíaria, Empregados no Comércio, Artãos e Central na sede da última. Os filiados na Secção de Belem têm também aberta a inscrição na sua secção.

Secção Mobilíaria.—E' necessária a comparencia, hoje, das 20 ás 22 horas, na sede do Nucleo, do camarada que tem em seu poder os livros e expediente desta Secção.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada "El Hijo de Nadie", de Frederico Urales.—Preço, \$50.—Pedidos á administração de A Batalha.

NA FIGUEIRA DA FOZ

Uma sessão de propaganda no novo sindicato dos manipuladores de pão

FIGUEIRA DA FOZ, 16.—No ultimo domingo, segunda e terça-feira, esteve nesta cidade, tratando da organização do novo sindicato dos manipuladores de pão Adolfo de Freitas, delegado do Comité de Propaganda Confederal de Coimbra.

As sessões tiveram larga concorrência, estando já sindicada, uma maioria bastante animadora. Os trabalhos de instalação do sindicato ficaram completamente feitos, tendo já sido resolvido reclamar das autoridades locais o cabal cumprimento do descanso semanal. Para esse fim foi nomeada uma comissão, que foi acompanhada por Adolfo de Freitas, esperando-se que breve o referido descanso seja cumprido.

Na sessão de domingo fez-se representar, pelo camarada João Pereira, de Leiria, o sindicato de Coimbra.

Brevemente haverá uma nova sessão. Nota.—A correspondência para este sindicato deve ser endereçada a Priamo Gonçalves, rua de Santo António, 130—Figueira da Foz.

SOLIDARIEDADE

A favor de um professor

Da comissão central do professorado primário sem colocação, recebemos uma circular em que se pede auxilio para um professor que, desempregado e sofrendo de uma perigosa enfermidade, se encontra em miserável situação.

Estamos certos que não deixarão de o auxilhar os que lutam por melhores dias para os seus semelhantes.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já á venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável indice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$800.

Encadernação (por capas e indice), 20\$00.

Capas e indice em separado, 1\$500.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação á administração de A Batalha